

---

# Programa Escola do Campo

Araraquara - SP



# Programa Escola do Campo

Hironobu Sano <sup>1</sup>  
Juliana Speranza <sup>2</sup>

## Introdução

O resgate da qualidade na educação pública é um tema com o qual os governantes sempre se defrontaram e que agora também se apresenta para a sociedade civil. Resultados positivos têm sido alcançados em escolas que valorizam a cultura local, implantam uma gestão democrática e são capazes de tecer parcerias.

Este desafio se apresenta não somente para as escolas dos centros urbanos, mas para suas congêneres na zona rural. Com o Programa Escola do Campo, o município de Araraquara mostra que o êxito também é possível nas áreas rurais. Ao resgatar e valorizar a cultura do homem do campo e promover a efetiva participação da comunidade nos projetos escolares, a escola foi transformada no ponto de referência da comunidade, em torno da qual florescem as esperanças de um futuro digno.

Para uma melhor compreensão dos caminhos trilhados pela Escola do Campo, é preciso conhecer um pouco mais da cidade de Araraquara e região, seus aspectos econômicos e o histórico dos assentamentos rurais.

## A Morada do Sol

O município de Araraquara, fundado em 1817, fica na região central do Estado de São Paulo, a 270 km da capital, sendo também conhecido como a Morada do Sol.

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando em Administração Pública e Governo pela FGV-EAESP.

<sup>2</sup> Economista e Mestre em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Suas origens remontam à abertura de um caminho alternativo para se chegar às minas de ouro em Cuiabá e, a partir de então, a cidade se desenvolveu junto com os ciclos do ouro e do café<sup>3</sup>.

Nas últimas décadas, o município deixou para trás este caráter rural e, de seus 182.471 habitantes<sup>4</sup>, a população rural corresponde a apenas 4,9%. Sua economia se destaca, entre outras atividades, pela produção de laranja e cana-de-açúcar.

Quanto à oferta de serviços educacionais públicos, existem 32 escolas de ensino infantil; 39 de ensino fundamental de 1ª a 8ª série, das quais 10 são municipais; e 10 de ensino médio estaduais. Do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), Araraquara recebe cerca de R\$ 4 milhões anuais.

Das escolas municipais, três fazem parte do Programa Escola do Campo, sendo que duas se localizam em assentamentos rurais. O primeiro assentamento resultou da ocupação da Fazenda Monte Alegre, em 1985, propriedade que pertencia à FEPASA, entidade ainda ligada ao governo do Estado de São Paulo. A segunda área de ocupação ocorreu nas terras da Usina Tamoio que em 1988 foi desapropriada pelo Instituto Nacional da Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

## **Em busca de um programa para as Escolas do Campo**

A oferta da educação fundamental no município de Araraquara foi sempre marcada pela presença do governo estadual que, em 1997, atendeu a 22.823 alunos<sup>5</sup>. Somente no ano seguinte, com a efetiva implantação do FUNDEF, o município assumiu seus primeiros 785 alunos. Em 1998, o número de matrículas saltou para 3.326, e atingiu cerca de 5.100 alunos em 2003. Mesmo com tal elevação, a rede municipal atende a menos de 25% dos alunos do ensino fundamental. No processo de municipalização foram priorizadas escolas estaduais localizadas na periferia que, de acordo com os critérios da Secretaria Municipal de Educação, tinham menos recursos e estavam “mais abandonadas”.

Quanto à educação na área rural, de acordo com dados da Secretaria de Educação de Araraquara, o município contava, em 1984, com 31 escolas rurais de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, todas estaduais. Na segunda metade daquela década, ocorreu um processo de fechamento de 29 escolas rurais, resultando na transferência dos alunos para a cidade. Assim, em 2001, quando a atual gestão

\* A visita contou também com a colaboração técnica da Pedagoga e Mestra em Administração Pública e Governo (FGV-EAESP) Lília Asuca Sumiya.

<sup>3</sup> Informações extraídas do site da prefeitura de Araraquara: [www.araraquara.sp.gov.br](http://www.araraquara.sp.gov.br)

<sup>4</sup> Dados sobre a população de Araraquara e seus indicadores sociais foram obtidos nos sites do IBGE ([www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)).

<sup>5</sup> Dados do Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo (APEOESP).

assumiu o governo municipal, estavam em funcionamento apenas três escolas rurais, duas das quais municipais e a outra estadual, que atendiam a 228 alunos. Uma característica marca duas destas escolas: estão localizadas em áreas de assentamento, e a terceira está numa área limítrofe entre os assentamentos e fazendas da região.

É neste cenário que surge o Programa Escola do Campo, que tem como objetivos desenvolver um projeto específico para o campo, democratizar o acesso à educação, promover a cidadania no campo, desenvolver a auto-estima dos educandos e implantar um modelo de desenvolvimento agrário sustentável que estimule a permanência do homem no campo.

Para orientar as ações na área da educação, foi realizada entre junho e agosto de 2001 (primeiro ano do atual governo municipal), a I Conferência Municipal de Educação de Araraquara, que discutiu e apresentou os resultados de um trabalho que se iniciou em janeiro do mesmo ano. Em abril também foi realizado o Fórum Municipal de Educação e formados os Grupos de Trabalho Temáticos responsáveis pela sistematização de propostas levadas à Conferência. As diretrizes para a Escola do Campo saíram do Grupo de Trabalho de Escola Rural:

- implementação de uma proposta pedagógica para o campo;
- desenvolvimento de um programa específico de formação continuada de educadores do campo;
- a municipalização do ensino na Escola Estadual Prof. Hermínio Pagotto<sup>6</sup>, garantindo um ensino combinando a reflexão teórica com a atuação prática no campo [...], além do fortalecimento dos vínculos com a família e a terra;
- implantação da Educação Infantil, através de convênio com o Centro de Desenvolvimento Comunitário do Assentamento Bela Vista;
- implantação de atendimento na rede municipal de ensino, da 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, a partir de 2002, com proposta especial voltada ao homem e à mulher do campo;
- implantação do Programa de Educação Complementar nos Assentamentos Bela Vista e Monte Alegre, através dos Centros de Desenvolvimento Comunitário,
- inclusão de bibliografia pertinente à realidade da comunidade rural.

<sup>6</sup> A Escola Prof. Hermínio Pagotto localiza-se numa área de assentamento rural e sua municipalização foi uma reivindicação da comunidade local.

Estas reivindicações apontam para a necessidade e a importância de uma proposta pedagógica voltada exclusivamente para o campo, diferenciando-a da proposta das escolas localizadas em zonas urbanas. A proposta deveria levar em consideração também a ampliação do atendimento, inicialmente limitada aos primeiros anos do ensino fundamental, e a capacitação dos professores, com base em um programa específico de formação.

De acordo com Alexandre Luis Martins de Freitas, Coordenador Administrativo, uma vez definidas as diretrizes, o próximo passo foi partir para a construção de um projeto próprio, etapa que contou com a participação de educadores, pais, educandos e colaboradores do projeto: alunos de graduação e pós-graduação da UNESP, USP, UFSCAR; representantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), da ONG Brincadeira de Criança e do Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP). A Secretaria divulgou por meio de cartazes e contato “boca a boca” que se iniciara um processo de construção de um Projeto de Escola do Campo e convidou todos a participar.

## **As Escolas do Campo de Araraquara**

O município conta atualmente com três Escolas do Campo de Ensino Fundamental (EMEF):

- EMEF Eugênio Trovatti, localizada no Distrito de Bueno de Andrada, com 183 alunos;
- EMEF Maria de Lourdes da Silva Prado, localizada no assentamento Monte Alegre, com 206 alunos;
- EMEF Hermínio Pagotto, localizada no assentamento Bela Vista, com 151 alunos.

As três Escolas do Campo, com uma média de 18 alunos por sala, oferecem educação infantil e fundamental I e II (até a 8ª série) e têm um formato diferenciado desde 2002, quando o atendimento neste nível de ensino foi ampliado para 9 anos (com ingresso aos 6 anos) o que aumentou em um ano o período de permanência na escola<sup>7</sup>.

Apesar do número reduzido de alunos, apenas os educandos de 4 e 5 anos (educação infantil) ficam numa mesma sala. Para todos os demais a divisão obedece ao critério de uma sala para cada série, ou seja, não existem classes multisseriadas como é freqüente em diversas outras escolas rurais do Brasil.

<sup>7</sup> Apenas em 2006, o MEC passou a estimular nacionalmente a adoção do período de 9 anos pelos sistemas de ensino.

O custo anual de manutenção do Programa é de R\$ 923.000,00 sendo que a principal fonte financiadora é o FUNDEF. O custo anual de cada aluno matriculado nas Escolas do Campo é cerca de R\$ 1.710,00, valor maior que o custo dos alunos da cidade, de aproximadamente R\$ 1.100,00 por aluno/ano. A diferença é justificada, segundo Freitas, em razão das características do programa rural, que envolve maior custo com transporte (ônibus para os alunos e professores) e menor número de alunos por classe por professor.

Para se chegar à atual configuração das Escolas do Campo, a Escola Estadual Professor Hermínio Pagotto foi inicialmente municipalizada, em dezembro de 2001. De acordo com o depoimento de uma mãe de aluno, a infra-estrutura da escola estadual era precária e os professores faltavam muito devido à dificuldade de acesso, fatores que levaram a comunidade a reivindicar a municipalização.

A implantação de um projeto específico para o campo não se configurou em um processo simples. Houve resistência de muitos educadores, em particular da Escola Eugênio Trovatti e até uma manifestação coletiva foi enviada para a Secretaria de Educação. Neste documento, os professores apresentaram diversas razões para a não inclusão da escola no Projeto, entre as quais: “na entrada do distrito há uma placa em que está escrito ‘perímetro urbano’”, “os moradores do distrito pagam IPTU e não o imposto sobre propriedade rural”. Estes argumentos procuravam caracterizar a escola como localizada na área urbana, o que tornaria desnecessário implantar um programa de escola rural. Como o trabalho não poderia ser imposto, a Escola foi inicialmente excluída, reforçando a autonomia dos professores na determinação do projeto pedagógico da escola.

Os Conselhos Escolares também são atuantes e ampliam as possibilidades de vivência da democracia tanto para a equipe escolar quanto para os pais dos alunos. Um exemplo citado pela diretora da Escola Hermínio Pagotto é o debate sobre o destino dos recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola, do MEC. Apesar de representar uma verba de cerca de R\$ 1.000,00 por ano, a prática contribui para fortalecer a participação da comunidade no destino da escola, aumentando o senso de responsabilidade e a auto-estima.

A ampliação do ensino fundamental nas escolas rurais para 9 anos, com ciclos de 3 anos, atendeu a uma demanda das comunidades rurais. Após o ensino fundamental I (1ª a 4ª série), os alunos eram obrigados a se deslocar para a área urbana para estudar, criando um “choque” cultural e ficando expostos à discriminação por parte dos alunos da cidade. De acordo com uma das mães entrevistadas, suas filhas mais velhas, que estudaram na cidade, eram chamadas de “pés-vermelhos”, numa alusão à coloração que os sapatos adquirem quando ficam impregnados com o pó avermelhado típico da zona rural. Este tipo de situação foi

também relatada por muitos professores e membros da comunidade e se tornou, inclusive, tema de uma dissertação de mestrado desenvolvida na UNESP.

Assim, com a ampliação do ciclo, aumentou a identificação dos alunos com a escola e muitos, mesmo cursando o ensino médio na cidade, fazem da escola do campo um local de frequência constante, indo em busca de contato com antigos professores e colegas ou usando os espaços da escola como locais de socialização.

## **Uma proposta pedagógica inovadora**

Uma das principais propostas dos ciclos de formação é desenvolver os currículos de acordo com “complexos temáticos, ou seja, dos temas geradores obtidos junto à comunidade escolar”, conforme relatou Adriana Caravieri, diretora da Escola Hermínio Pagotto. Estes temas geradores são trabalhados em atividades de classe, mas principalmente em trabalhos de campo.

Entre as várias atividades que promovem a interação entre a teoria e a prática do homem do campo, a cozinha experimental é uma das que fazem mais sucesso entre os alunos. A cada aula prática na cozinha da escola é preparado um prato, seguindo o programa do professor ou sugestão dos alunos. Para cada receita são trabalhados conceitos de matemática (fração, operações aritméticas, etc.), história e geografia (origem do prato, cultura, etc.), biologia (leguminosas, raízes, tubérculos, etc.). A língua portuguesa é trabalhada numa aula posterior, na qual os alunos relatam o processo de preparação do prato. Muitas vezes os alunos levam para a aula os produtos colhidos no quintal de casa, prática que também contribui para aumentar a sua auto-estima e valorizar a atividade agrícola de sua família.

Na Escola Eugênio Trovatti, por sua vez, foi construído um galinheiro por demanda dos próprios alunos, responsáveis por alimentar as aves e por recolher os ovos. Para aproveitar melhor esta atividade, foi proposto aos alunos um estudo sobre sua viabilidade econômica, uma vez que envolve gastos com a compra de ração, manutenção da estrutura, entre outros aspectos, bem como disponibilizada uma cópia da nota fiscal ao professor de matemática.

Uma outra prática comum nas escolas é a visita dos alunos aos lotes dos assentados, como parte das atividades curriculares, para conhecimento das atividades da propriedade – uma oportunidade de relacionar a vida real com a matéria curricular, tornando a aprendizagem muito mais significativa. A prática democrática é incentivada entre os alunos, principalmente no grêmio escolar. A participação dos alunos nas decisões é tão importante que a construção da quadra de esportes foi uma resposta às suas demandas. E,

para que os alunos não fiquem restritos ao seu próprio ambiente, ocorrem visitas à cidade para conhecerem museus, teatros e para se familiarizarem com o próprio ambiente urbano. Alunos de escolas da região central também visitam seus colegas do campo, num trabalho de aproximação e redução do preconceito.

O calendário escolar também reflete a realidade do campo. Fazem parte das comemorações e atividades culturais datas como o dia internacional de luta camponesa (17/04), dia da luta indígena (19/04), entre outras.

## **Os educadores do campo**

Uma vez superada a resistência de alguns educadores em relação aos princípios da Escola do Campo, foi necessário superar outras dificuldades. A principal é a rotatividade dos docentes devido, principalmente, à distância que precisa ser vencida para se chegar às escolas, associada aos baixos salários.

Uma primeira ação foi disponibilizar um sistema de transporte exclusivo para deslocamento entre a cidade e o campo. A segunda iniciativa corresponde a um projeto de lei municipal para que os professores das Escolas do Campo recebam um adicional de 10% nos vencimentos.

A preocupação com a formação continuada dos professores tem sido alvo de intervenções e eles têm participado de cursos oferecidos pela Secretaria de Educação, processo que deve se intensificar com a conclusão do Centro de Desenvolvimento dos Professores.

Os educadores, além de sua atuação em sala de aula, também exercem certa influência sobre os rumos do assentamento. Isto porque os assentados de Bela Vista estão atualmente divididos em dois grupos: o primeiro e maior é composto por aqueles que seguem as diretrizes da reforma agrária e utilizam a terra para o plantio de subsistência e venda da produção excedente. Um segundo grupo é formado por colonos que simplesmente arrendam suas terras para as usinas da região plantarem cana-de-açúcar, contrariando as prerrogativas da reforma agrária.

Os assentados do segundo grupo, além de sofrerem pressão do governo federal para que se dediquem à agricultura de subsistência, acabam sofrendo pressão da própria comunidade e também de seus filhos. Esta pressão ocorre porque as questões relativas à reforma agrária, quando trabalhadas em sala de aula, acabam por trazer à tona a discussão sobre a postura dos pais dos alunos. Assim, mesmo que os professores adotem uma postura politicamente neutra, os alunos que têm pais no segundo grupo percebem que eles não estão agindo de acordo com as regras estabelecidas e, quando regressam ao lar, acabam por conversar sobre o tema com eles, pressionando-os para que deixem de arrendar a terra.

## **As Parcerias da Escola do Campo**

As comunidades no entorno das Escolas do Campo podem ser vistas como as principais parceiras, que se envolveram desde o momento da concepção do Projeto. Além da população, participaram universidades, ONGs e voluntários. A parceria entre a universidade e o MST também está gerando novos frutos, pois além de participarem de encontros promovidos pelo movimento, quatro vagas num curso de pedagogia da terra<sup>8</sup>, a ser realizado na USP, foram reservadas aos assentados. As escolas também mantêm convênio com a UNESP que, semanalmente, oferece atividades de prevenção da saúde bucal. Ainda no âmbito acadêmico, a Escola Hermínio Pagotto abre espaço para que alunos de pós-graduação realizem pesquisas, cujos resultados podem contribuir para uma melhor compreensão do alcance e das limitações do programa.

No âmbito inter-governamental, uma parceria entre as Secretarias de Educação e de Esportes leva às escolas o projeto Escolinhas de Esportes, no qual instrutores orientam práticas esportivas. Um primeiro resultado pode ser observado no desempenho dos alunos das Escolas do Campo na I Olimpíada Municipal de esportes, redação e desenho: com cerca de 10% dos alunos de toda a rede municipal, os alunos das 3 escolas do campo conquistaram 35% das medalhas em disputa.

No assentamento da Bela Vista, a parceria na área da saúde ocorre diretamente entre a direção da Escola Hermínio Pagotto com os membros do Programa Saúde da Família (PSF). Além das visitas regulares dos agentes de saúde aos moradores do bairro, são realizadas palestras sobre diversos temas. E, para reduzir o alto índice de hipertensão e diabetes, principalmente na população acima de 45 anos, esta mesma parceria permitirá a construção de uma pista de caminhada ao redor da escola. A construção se justifica uma vez que as ruas locais não são pavimentadas e estão cheias de buracos e pedras, podendo provocar acidentes.

O espaço da escola é ainda utilizado para outras atividades: a alfabetização de adultos por meio do programa Movimento para Alfabetização (MOVA), cursinhos populares nas unidades de Bela Vista (desde 2001) e de Monte Alegre (desde 2004), mediante convênio com a UNESP.

## **Considerações finais**

A busca por um programa específico para a realidade do campo é um processo em construção no município de Araraquara. Contando com o apoio político da Secretaria de Educação e do próprio prefeito, os

<sup>8</sup> A pedagogia da terra é inspirada no educador Paulo Freire. N° de Inscrição: 47/2004

diferentes atores foram envolvidos no processo para que, em conjunto, construíssem sua própria escola.

Os primeiros resultados mostram que as três Escolas do Campo atendem a 100% das crianças da região que estão em idade escolar. Outra informação relevante é o índice de evasão: desde a implantação do programa nenhuma criança abandonou a escola, reflexo do intenso trabalho de acompanhamento realizado pela equipe escolar. Esta avaliação torna-se relevante quando contrastado com os dados do INEP 2003, que apontam para um índice de conclusão do ensino fundamental de apenas 40% nas áreas rurais.

Um resultado qualitativo somente pode ser avaliado *in loco*: a satisfação das crianças que freqüentam estas escolas. Em uma entrevista, uma garota disse: “eu prefiro estudar aqui porque é muito mais quieto que na cidade e é muito mais gostoso”. Este resultado surpreendeu até mesmo os técnicos da Secretaria. Uma delas revelou: “quando vieram com o Projeto da Escola do Campo, pensei que isto isolaria ainda mais as crianças das áreas rurais, pois eu mesma cresci no sítio e a escola era o único momento em que eu podia ter contato com a cidade. Mas hoje, vendo as crianças tão alegres e conscientes de seu espaço, percebo que estamos no caminho certo”.

Um incentivo adicional para os alunos é que um dos professores reside no próprio assentamento. Além de ser filho de um assentado, ele se graduou em pedagogia na UNESP e retornou ao seu local de origem para atuar como educador.

Apesar dos avanços, alguns desafios se apresentam às Escolas do Campo. Um deles é prover conexão com a Internet, desafio que se torna ainda maior quando se leva em consideração que toda a região do assentamento de Monte Alegre sequer possui telefone.

Um outro desafio é oferecer o ensino médio na zona rural. Além da própria demanda, a importância de se valorizar os jovens nesta faixa etária reside no fato deles já poderem ser empregados nas propriedades rurais como força de trabalho e, conforme apontam os estudos, é a faixa etária em que o abandono escolar é maior. Este é um desafio que exigirá uma articulação junto ao governo do Estado, pois, segundo a Lei de Diretrizes e Bases, a responsabilidade pelo ensino médio é da esfera estadual.

Transformar a escola num espaço democrático e de respeito aos valores do homem do campo foi o primeiro passo na construção de um projeto de Escola do Campo. O envolvimento da comunidade local nas atividades da escola tornou possível não somente resgatar o espaço da

escola, mas também a transformou no núcleo central da comunidade, em torno da qual acontecem muitas outras atividades.

O resgate da auto-estima e a valorização do homem do campo podem ser verificados no relato de um dos alunos, filho de um assentado, que, quando perguntado sobre seu futuro profissional, afirmou: “quero ser o que já sou agora: Fazendeiro”. ■